O tratamento dado às questões do amor pela psicanálise

Andréa Hortélio Fernandes

A psicanálise surge com a constatação feita por Freud, no início do século passado, de que as histéricas re-atualizavam na cena analítica as desventuras de suas vidas amorosas. De fato, desde 1892, Freud descreve suas pacientes, nos sucessivos casos clínicos de histeria, como participantes de um destino no qual se cumpria uma "infeliz história de uma moça orgulhosa que queria amor"[1]. A partir daí, dentre os efeitos da transferência, Freud pode perceber que toda demanda é demanda de amor. O tratamento da vida amorosa pela psicanálise, naquela época, associava-se ao fato de as pacientes mostrarem-se despreparadas para se refugiar "no amor de algum homem desconhecido"[2]. Em parte, decorria daí, a necessidade do manejo da transferência. Em pleno século XXI, as dores do amor continuam a ser trazidas para a análise, muito freqüentemente por mulheres. Queixam-se de não se reconhecerem nas suas escolhas, porém não abrem mão dos seus parceiros amorosos. O gozo daí resultante convoca o exame de como a psicanálise pode tratar essa questão.

[1] Freud. Estudos sobre Histeria (1892/1969, p. 193).

[2] Freud. Estudos sobre Histeria (1892/1969, p. 193).

transferência dos protótipos paternos

A capacidade das histéricas em se doar ao outro é perceptível na transferência analítica. A benevolência feita pelas histéricas traz em si uma demanda sustentada na possibilidade do analista suportar os efeitos da transferência. Foi assim que Freud viu-se convocado a responder às reivindicações de amor anteriormente dirigidas aos "protótipos paternos". Essa expressão, "protótipos paternos" utilizada por Freud, revela que ele toma a transferência como reatualização da realidade sexual inconsciente dos analisantes com o analista. E sua utilização mostra que, na transferência, uma paciente transfere tanto sentimentos de amor dirigidos ao pai como à mãe.

Em "Estudos sobre a histeria" (1892) vemos que o pai ao

qual Freud se refere é o pai do amor. Na época, as filhas que chegam a Freud revelam não ter limites nas concessões feitas para cuidar dos pais enfermos. Chegam mesmo a abdicar de suas vidas amorosas, porém o retorno do recalcado faz-se sentir, sobretudo na forma de sintomas de conversão. Trinta anos mais tarde, na conferência sobre a feminilidade, Freud (1932) vai dizer que o analista pode ser convocado como substituto transferencial da relação da analisante com sua mãe. Lacan retomará a questão abordando a relação mãe e filha, através do que denominou devastação. Retomaremos o ponto um pouco mais adiante.

Ainda na conferência de 1932, Freud admite que as analistas mulheres podem ter maior facilidade em lidar com as reivindicações de amor trazidas para o tratamento analítico. A experiência da maternidade, na qual está em jogo, especialmente, o dom do amor, habilitaria as mulheres a lidar com as questões das demandas em análise. Contudo, o tratamento das questões do amor pela psicanálise só faz sentido se daí surge algum sintoma.

Quanto ao sintoma, muitas vezes vemos o sujeito vir à análise por padecer de reconhecimento. Ele se queixa de não mais se reconhecer nos seus atos e escolhas e também de não ter o reconhecimento do outro. Os homens tentam lidar com essa questão na vertente fálica de ter ou não ter bens, mulheres, poder, etc. Já as mulheres o fazem pela vertente do amor, demandam amor e mais amor, numa tentativa vã de receber por tal viés algo que possa dar ao seu ser uma significação, uma plena representação, uma significação fálica, vinda por meio do companheiro. Faz sentido, então, como aponta Soler (1995), afirmar: os sintomas das mulheres se situam no nível do ser e não do ter.

Sobre o sintoma, no Seminário R.S.I. (1974-1975), Lacan traz uma nova definição e diz haver "consistência entre o sintoma e o Inconsciente". Tal concordância se dá pela nova definição do sintoma: "modo como cada um goza do Inconsciente, na medida em que o inconsciente o determina"[3].

Cabe lembrar que Lacan afirma estarem as analistas mulheres certamente mais à vontade com o inconsciente. Adverte que a idéia de mérito se reverte, pois as mulheres perdem o que poderia ser entendido como uma especificidade ligada ao gênero. O importante é como cada uma goza do seu inconsciente e, para as mulheres, a questão é ainda mais particular, já que elas são não

[3] Lacan. *Le Séminaire –livre XXII: R.S.I.* (1974-1975, leçon du 18 fevrier 1975). Inédit.

todas inscritas na significação fálica, o que lhes possibilita experimentar um gozo Outro, suplementar.

Vemos, portanto, o tratamento dado às questões do amor sofrer uma mudança, de Freud a Lacan. Freud, por se restringir, à significação fálica, apresenta elaborações com limite no rochedo da castração. Conseqüentemente, vai tentar responder à reivindicação fálica, tanto do lado masculino como do lado feminino. Apresenta-se aí para ele o problema do final de análise, que apontaria para um resto a ser elaborado sob a forma do protesto viril nos homens e da inveja do pênis nas mulheres.

Quanto à realidade sexual do inconsciente, a obra de Freud vai até o rochedo da castração e isso, sem dúvida, está atrelado à forma como ele vai tratar a vida amorosa trazida à cena analítica pelas histéricas. Se, em Freud, as dores do amor foram tratadas dentro do âmbito da significação fálica, no campo do ter o filho, ter o amor correspondido. Em Lacan, as dores de amor serão investigadas através do modo de gozar aí atrelado.

o gozo e o masoquismo feminino

Na psicanálise, a demanda de amor vai ser entendida como a convocação feita a cada sujeito frente ao real da castração. Nos textos sobre o complexo de Édipo, Freud vê como a demanda de amor, para a menina, atrelada à constatação da castração no real do corpo, implicando, como diz Soler, em "mudar de zona erógena, de objeto, de finalidade pulsional e passar das pulsões ativas para as passivas"[4]. Sem parâmetros do que seja uma mulher, o caminho do tornar-se mulher convocará cada uma a colocar-se como objeto que possa atrair sobre si o desejo do outro.

Assim, a psicanálise será continuamente convocada a responder à questão de como um sujeito, e mais especificamente a menina, ao se tornar mulher, poderá colocar-se como objeto. Seria, em Freud, uma "resposta às exigências do amor na maturidade"[5] entre outras respostas possíveis apresentadas para o enigma da feminilidade. Colocar-se como objeto para o outro aponta para o masoquismo feminino, no que ele tem de universal e revela a questão do feminino estar além da questão da feminilidade, é algo a ser elaborado em cada análise.

A aposta feita pela psicanálise, desde Freud, esteve asso-

[4] Soler. *As variáveis do fim de análise* (1995, p.129).

[5] Freud. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1969, p. 85).

ciada à possibilidade de franquear às mulheres, que traziam suas dores de amor para o divã, fazer semblante de objeto do desejo do outro e, não estar no lugar de objeto para o outro. A segunda opção traz em si o masoquismo feminino, demonstra a dificuldade da mulher em fazer semblante de objeto causa de desejo de um homem, sucumbindo assim a ocupar o lugar do objeto para o outro, ocupando o lugar destinado a ser objeto do desejo do Outro. Em tais circunstâncias a mulher vê-se presa numa alienação, alienante e alienadora, à qual ela sucumbe como sujeito a diferentes modalidades de gozo.

De acordo com Soler, no texto "Commandement de la jouissance" (1998), no tratamento analítico, cabe o questionamento sobre em que medida o gozo fálico e o gozo suplementar ordenam o espaço do sintoma. Segundo Soler, o gozo subtraído da operação castração impulsiona e orienta o vetor do desejo. É possível encontrar tal orientação já em Freud, pois ele mostra o sujeito do desejo comandado pelo objeto causa de desejo, que, para Freud, é o objeto perdido. Poderíamos então afirmar que a extração do objeto nos levaria à emergência do sujeito do inconsciente?

O *Seminário R.S.I.* (1975) pode nos ajudar a responder a essa questão. Nele, Lacan enuncia que o pai dá o exemplo de sua função de sintoma, ao assegurar o enodamento dos três registros: ao enodar o amor por uma mulher, na sua vertente imaginária; o desejo sexuado, na sua vertente simbólica e a opção pela vida reprodutiva, na sua vertente real. De fato, o pai é uma função responsável por um desejo que, não sendo anônimo, faz da mulher eleita, mãe. Dito de outro modo, o pai tem a ver com a função desejo, porque ele toma a vertente de orientar-se para uma mulher como objeto *a* que causa seu desejo. Temos, assim, a mulher na posição de causar o desejo do outro. Abre-se à mulher a condição de sujeito, já que, como diz Lacan:

O sujeito é causado por um objeto que só é notável por uma escritura, e é assim que um passo é dado na teoria ...objeto que designo, que escrevo com a escritura pequeno *a*, e do qual nada é pensável, com o senão apenas de que tudo que é sujeito, sujeito de pensamento que se imagina ser Ser, é por isso determinado[6].

Entretanto, não basta que esteja na posição de causar o desejo do outro, no caso do parceiro homem: além de causar o

[6] Lacan. *Le Séminaire –livre XXII: R.S.I.* (1974-1975, leçon du 21janvier 1975). Inédit.

desejo, uma mulher precisa funcionar como um sintoma para um homem. Ela o faz ao emprestar seu corpo para o homem gozar dela e, assim, gozar do seu próprio inconsciente. Inversamente, este gozo do inconsciente dá ao homem o acesso ao gozo do corpo a corpo, que é o gozo fálico e não o gozo do Outro.

Segundo Soler (1998), uma mulher sintoma é um corpo a gozar pelo viés do inconsciente, mas tem por resultado o fato do gozo franqueado pelo corpo do Outro ser para o homem um gozar do inconsciente. Isso faz com que, no amor, o homem fique sozinho com seu inconsciente. Os significantes discretos do inconsciente lhe são suficientes. O gozo do corpo do Outro é suficiente, dando-lhe o substancial da sua identidade de homem, ao invés de entrar em oposição como o gozo fálico.

Na clínica, vemos a demanda de análise de certos homens acontecer, quando algo abala sua identidade viril. Alguns homens procuram análise em decorrência do fato da possibilidade de o encontro sexual levantar algo acerca da sua divisão subjetiva, e eles não conseguem se sustentar nos significantes advindos do gozo do corpo do Outro. Foi assim que um jovem homem veio para a análise queixar-se de sua timidez. Tentava lidar com ela, olhando com atenção para como outros homens se comportavam no trabalho, sem, entretanto, conseguir criar com eles laços de amizade. Estando o seu olhar tão voltado para os homens, vê surgir, entre os seus colegas, a suspeita de que ele seria homossexual. Esse jovem homem recebe do Outro a própria mensagem invertida, já que o questionamento retorna para ele sob forma de dúvidas acerca de como conquistar uma mulher, pondo em cheque sua identidade sexual.

efeitos subjetivos do gozo

O ensino de Lacan mostra que os efeitos subjetivos das características do gozo encontram-se de diferentes formas para o homem e para a mulher. No homem, temos a versão mulher-sintoma como esteio para sua identidade sexual. Para a mulher, temos a versão homem-devastação, que pode levá-la a vivenciar um grande mal-estar e a demandar análise. Porém, caberá ao analista estar atento ao manejo da transferência.

O termo devastação foi utilizado por Lacan, ao referir-se

à relação mãe-filha na qual uma reivindicação fálica está em jogo. Para Soler(1998), mesmo que o homem como uma devastação para uma mulher possa incluir uma reivindicação fálica, ela não se reduz a isso, pois ela não pertence ao gozo fálico. Só é possível entender a sua verdadeira natureza de devastação a partir das características do gozo feminino, conseqüência da devastação, nos diz Soler.

Sobre o gozo feminino, Soler aponta o seminário *O objeto da psicanálise* (1966) de Lacan como esclarecedor para algumas questões. Nele, conforme a autora, Lacan afirma que o orgasmo, como sintoma, é uma emergência do gozo para o sujeito. O seu valor está associado ao fato de o orgasmo promover a evanescência do sujeito dividido, ao levar o sujeito a um gozo fechado sobre si mesmo. Logo, a presença do gozo orgástico leva à ausência do sujeito.

Após recorrer a Lacan, Soler traz uma contribuição da clínica. Ela afirma que a experiência do orgasmo é mais fechada, mais preenchedora nas mulheres, mas, nem por isso, menos desestabilizante, já que a mulher perde suas bases de identificação. O orgasmo rapta-a de si mesma. Esse seria o núcleo da devastação, o gozo outro que devasta o sujeito no sentido mais forte do termo, que o faz apagar-se no espaço de um instante.

A partir daí, Soler tenta aproximar o gozo feminino do gozo suplementar dos místicos. Ela examinará os efeitos subjetivos do gozo feminino e dirá que eles vão desde o mais leve descentramento à mais profunda angústia, passando pelos mais variados graus de evitamento. Soler, ao destacar o ponto em que Lacan se referiu aos místicos, revela que a aspiração deles encontrava-se na tentativa de se abolir no Outro. É um ponto importante para a questão do tratamento dado às questões do amor pela psicanálise, uma vez que, por aí, é possível articular o gozo feminino ao gozo Outro suplementar próprio aos místicos.

Por causa do apagamento experimentado pelas mulheres com o gozo sexual, Lacan aproxima o gozo feminino do gozo dos místicos. Muito raramente as mulheres recorrem ao ato sexual quando as coisas não vão bem, seja no trabalho, no lazer etc. As mulheres recorrem muito freqüentemente à sedução falicizante[7]. Elas são levadas a buscar a absolutização do amor e com isso são impulsionadas a uma busca insaciável do Outro que, em algumas

[8] Lacan. *O Seminário- livro XX: Mais ainda* (1972-73, p. 112).

[7] Lacan. *Le Séminaire – livre 13: L'objet de la psychanalyse* (1966, aula de 27 de abril de 1966), inédit.

circunstâncias, revelam a tentativa de se abolir no Outro como os místicos.

Reconhecemos os esforços de algumas mulheres em se abolir no Outro, ao buscarem elevar seus homens à magnitude de Outro. A clínica é fecunda em exemplos como o que trazemos a seguir.

Uma mulher que ocupa um alto cargo numa multinacional opta por se casar, quando jovem, com um homem que só tem o segundo grau e é motorista profissional. Durante cerca de vinte anos de casamento, ela tentou fazer dele um homem, buscando fazê-lo trabalhar como motorista em empresas nas quais pudesse ter melhor rendimento salarial. Paralelo a isso, depositava regularmente todo o seu salário na conta do marido. O pacto só se desfaz quando o marido se recusa a acompanhá-la no cortejo de uma festa em homenagem ao santo de que eram devotos.

O capítulo VII do Seminário XX traz algumas contribuições acerca da dificuldade de entrada em análise de mulheres que não medem as concessões que são capazes de fazer em nome do amor a seus companheiros. Em tais situações constatamos o que Lacan fala neste capítulo acerca de uma de que "o *a* pode se prestar a confusão com o S(A) (Outro barrado), abaixo do qual ele se inscreve no quadro [da sexuação], e isto, pelo viés da função do ser"[8]. Segundo ele, se a confusão existe, advém do fato de o homem se prestar para a mulher à confusão com Deus. O que retoma afirmação feita por Soler (1995), segundo a qual os sintomas das mulheres se situam no nível do ser e não do ter. Para tornar analítico esse sintoma, há necessidade de fazer uma cisão, um deslocamento.

Por fim, ainda retomando o texto "Commandement de la jouissance", Soler coloca não haver apenas a reivindicação fálica na relação mãe-filha, existiria também a reivindicação do gozo que ex-siste, gozo suplementar e, por isso, a mulher apela ao Outro. Neste ponto ocorre uma aproximação com a questão do masoquismo: algumas mulheres consentem em fazer a mascarada masoquista, fazendo uma série de concessões para os homens. Entretanto, nestes casos, Soler acredita que elas são aquiescentes aos semblantes.

Como dizia Lacan, em Televisão (1973), "não haver limites para as concessões" que cada mulher "faz a um homem: de

seu corpo, de sua alma, de seus bens"[9]. Afirmava também que no discurso analítico não se faz outra coisa que falar de amor, apontando que "o discurso analítico nos traz que falar de amor é em si mesmo um gozo"[10]. A psicanálise não pode se furtar a tratar as questões do amor, pois se há psicanálise ela se funda na regra fundamental da associação livre que leva os pacientes ao princípio do prazer ou gozo, como afirma Lacan em 1966[11], dada a coalescência do *a* com S(Ⱥ) (significante da falta no Outro). Portanto, para tratar as questões do amor, caberá dissociar o *a* do A. Só assim poderá ser possível "distinguir os efeitos de ser que se ganha ao preço de muitas concessões no amor e o gozo que se obtém de quebra"[12].

[9] Lacan. Televisão, p. 538.

[10] Lacan. *O Seminário- livro XX: Mais ainda* (1972-73, p. 112).

[11] Lacan Le *Séminaire – livre 13: L'objet de la psychanalyse* (1966, aula de 27 de abril de 1966), inédit. Nesta aula Lacan discute a tradução do termo *jouissane* para o inglês e diz seria melhor optar por *lust* do que por *en joy*.

[12] Soler, C., *Ce qui Lacan dissait des* femmes, p. 79.

referências bibliográficas

Freud. Sigmund (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. VII.

Freud. Sigmund (1892-1895) Estudos sobre histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. III.

Lacan. Jacques. *Le Séminaire – livre 13: L'objet de la psychanalyse*. Inédit.

Lacan. Jacques. *O Seminário- livro XX: Mais ainda* (1972-73, p. 112).

Lacan. Jacques. Televisão (1973). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Lacan. Jacques. *Le Séminaire –livre XXII: R.S.I* (1974-75). Inédit.

Soler. Colette. *As variáveis do fim de análise*. São Paulo: Papirus,1995.

Soler. Colette. *Ce que Lacan disait des femmes*. Paris: Éditions Champ lacanien. 2003.

resumo

Este trabal
do exame das dores de amor trazidas à cena analítica, sobretudo pelas mulheres.
necessidade do manejo da transferência, ponto já presente nas elaborações freudianas que encontraram seu limite no rochedo da castração. Evidencia que o tratamento das questões do amor pela psicanálise mudou de Freud a Lacan, uma vez que o primeiro se limita ao âmbito da significação fálica, enquanto o segundo vai explorar o gozo que está em jogo ao se falar de amor na clínica. -

palavras-chaves

Amor, gozo, psicanálise

summary

This text explores the theme of the love through the exam of the love pains brought to the analytical scene, above all, by the women. The text retakes the need of the handling of the transference, point already present in the Freudian elaborations that they found his limit in the crag of the castration. It evidences that the treatment of the subjects of the love in the psychoanalysis changed from Freud to Lacan while the first is limited to the extent of the phallus significance, while, the second will explore the enjoyment that is in game when someone speaks of love during a clinical psychoanalysis.

key words

Love, enjoyment, psychoanalysis

recebido

30/04/2007

aprovado

08/06/2007